

Por uma estética do atrito — a função utópica de um memorial¹

*For an aesthetic of friction — the utopian
function of a memorial*

EDSON LUIZ ANDRÉ DE SOUSA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul — Brasil / PPG
Psicanálise, Clínica e Cultura / LAPPAP

edsonlasousa@uol.com.br

Para Tania Galli Fonseca

Resumo

Este texto parte de uma ideia proposta pela pesquisadora portuguesa Silvina Rodrigues Lopes em seu livro “Literatura — defesa do atrito” de pensar a literatura numa certa função de counter-image, abrindo espaços inéditos de pensamento. Desenvolvo uma reflexão sobre a função dos memoriais e sua relação com as utopias. Proponho a ideia do que nomeei como memoriais minimalistas. O Brasil carece de memoriais. Por esta razão, é fundamental evocar a força de resistência de alguns que não fecham os olhos e bocas diante do horror. Se temos ainda alguma esperança de um futuro certamente ela se deve aqueles que não abandonam seus mortos e cuidam das narrativas que ficaram interrompidas. Este texto traz alguns exemplos nesta direção.

Palavras-chave

Memoriais | Utopia | Testemunho | Literatura | Artes Visuais

Abstract

This text evokes an idea proposed by the Portuguese researcher Silvina Rodrigues Lopes in her book “Literature — defense of friction” where she proposes to think literature

in a certain counter-image function, opening new spaces of thought. I develop a reflection on the function of memorials and their relationship to utopias. I propose the idea of what I named as minimalist memorials. Brazil lacks memorials. For this reason, it is essential to evoke the resistance of some who do not close their eyes and mouths in the face of horror. If we still have any hope of a future, it is certainly due to those who do not abandon their dead and take care of the narratives that have been interrupted. This text gives some examples in this direction.

—
Keywords

Memorials | Utopia | Testimony | Literature | Visual Arts

Nós queremos andar, por isso precisamos de atrito. Regressar à terra áspera

— Ludwig Wittgenstein

Encontrar palavras para aquilo que temos diante dos olhos é qualquer coisa que pode ser muito difícil. Mas, quando chegam, batem com pequenos martelos contra o real até arrancarem dele a imagem, como de uma chapa de cobre

— Walter Benjamin

San Gimignano

Imagens do Pensamento

Tensionar as imagens, os lugares estabelecidos, duvidar do senso comum, reinventar espaços e esburacar as lógicas totalitárias exige de nós a produção de uma atitude estética que eu nomearia como uma estética do atrito. Precisamos abrir lugares inéditos de mundos por vir, de palavras por vir.

Como abrir espaço para aquilo que está na sombra? De alguma forma, penso que se aproximar das sombras, escutá-las, decifra-las se configura para mim como um pensamento de contra-imagem (Counter-Image). Rainer Maria Rilke no texto intitulado *Testamento* se debruça sobre uma pintura de Jan van Eyck e abre uma espécie de rasgadura no pensamento, um furo na imagem. Em determinado momento deste texto ao se perguntar sobre onde encontrar liberdade e serenidade em sua existência

¹ Este texto foi escrito a partir da conferência realizada no Seminário Counter-Image International Conference de 6 a 8 de maio 2019, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e do trabalho apresentado no Congresso Internacional da APPOA “O Espírito de nosso tempo” de 8 a 10 de novembro de 2019 em Porto Alegre, Brasil, e que intitulei “Palavras para um Memorial”.

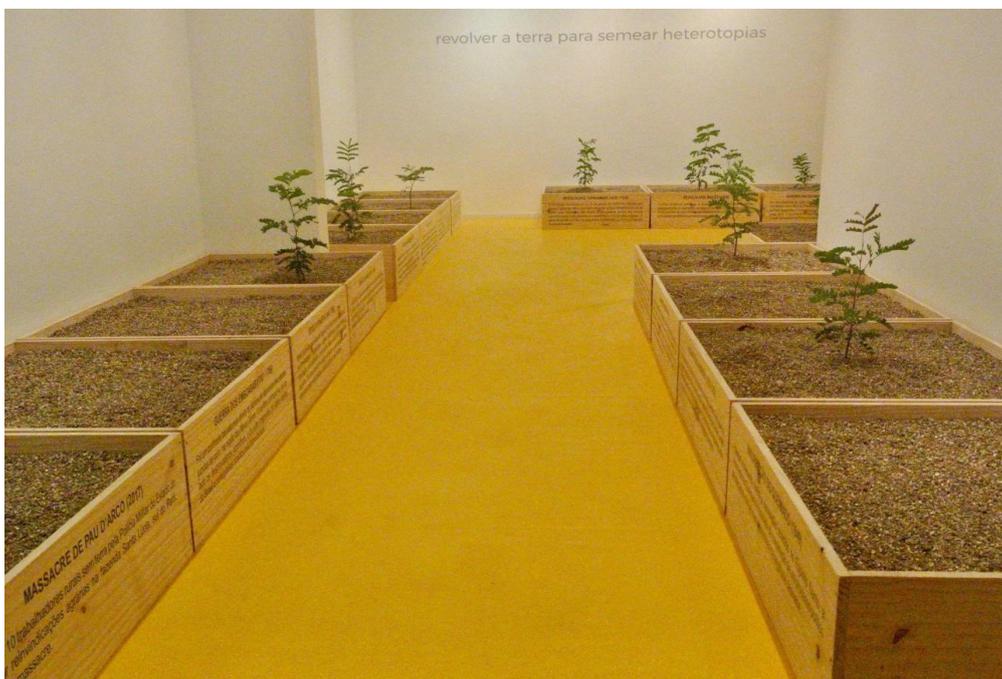


Imagem 1
Jan Van Eyck “Madona
de Lucca”, 1437. Acervo
do Städelches Kunstinstitut,
Frankfurt, Alemanha.

descreve como é possível ver a pintura de Jan Van Eyck “Madona de Lucca”, de 1437. Rilke escreve:

Absorvi-me na folha que ora estava aberta. Era a assim chamada “Madona de Lucca” de Jan van Eyck. A doce madona que, cingida por um manto vermelho, oferece o formosíssimo peito à criança, que mama absorta, com o corpinho empertigado. Aonde?.. Aonde? E de súbito, desejei tornar-me, com todo o ardor de que é capaz o meu coração, não uma das duas maçãs do quadro, não uma daquelas maçãs pintadas sobre o parapeito da janela: isso já me parecia algo demasiado para o meu destino. Não: tornar-me a suave, humilde, modesta sombra de uma daquelas maçãs era o desejo em que o meu ser inteiro se consumia. E, como se fosse possível realizar tal desejo ou como se bastasse esse desejo para se obter uma compreensão maravilhosamente segura, lágrimas de gratidão inundaram-me os olhos. (Rilke 2009, 62)

Rilke nos indica a possibilidade de se ver na sombra e não na luz! Na verdade são duas posições intrinsecamente conectadas, a leitura da sombra permite pensar a lógica da incidência da luz. Precisamos recuperar os espaços de sombra, dos que ficaram sem palavras, mudos, excluídos, invisíveis, expulsos de um mundo que tenta impor suas formas totalitárias de viver. O Brasil vive neste momento um naufrágio para dentro do coração das trevas. Foi reagindo a este espírito de necropolítica que o artista Eduardo Frota propôs, em Fortaleza, a exposição que nomeou “Revolver a Terra para semear



—
Imagem 2
Exposição “Revolver a Terra para semear heterotopias”, Fotografia Eduardo Frota.

—
Imagem 3
Exposição “Revolver a Terra para semear heterotopias”, Fortaleza, Fotografia Eduardo Frota.

heterotopias”.² Trata-se de uma intervenção propositiva que começa a acontecer de fato na inauguração. São 27 caixotes/territórios, (número de estados brasileiros). Cada caixote traz o nome de algum levante, revolta, conspiração desde o século XVI até o XXI (Revolta dos Tupinambás, Revolta dos Malés, Confederação do Equador, Inconfidência Mineira, Canudos, Recusa do Dragão do Mar em embarcar escravos para o sul, Coluna Prestes, manifestações de junho de 2013, Palmares, Passeata dos 100 mil em 1968. Em outra sala ao lado estão disponível 100 mudas de Pau Brasil onde o público irá plantar dentro dos caixotes/territórios. Diz o artista que:

Replantar a árvore que nomina o território é de uma forte simbologia de refundação do país a partir de sua constituição sócio/cultural com estes dados históricos. O Pau Brasil foi o primeiro ciclo econômico extrativista e o primeiro acontecimento de escravidão na América tropical pelos Europeus com os índios. Estes transportavam os paus de tintas nos ombros. Algumas tribos como os Tupinambás se rebelaram. Também é importante lembrar que o Pau Brasil impulsionou a indústria têxtil europeia principalmente a francesa e holandesa que junto com o ouro e prata da América Espanhola, dinamizou um mercantilismo extrativista de proporção global. (Frota 2019, 1)

Como diz Frota se trata aqui de replantar o Brasil heterotópico no Brasil real. Depois da exposição as mudas foram doadas para o movimento pró árvore e plantadas na cidade de Fortaleza.

Se seguirmos o espírito do fragmento benjaminiano que abre este texto constatamos que nosso desafio é encontrar palavras depois da destruição. Retornar para perto dos escombros e ir pacientemente tentar ler as cinzas que ainda ardem. Compromisso que temos de testemunhar o que dizem estas bocas de cinza, que tentam deixar rastros, resistindo ao apagamento e assim, nos ajudando a reorientar nossa navegação. Mas quem ainda está disposto a ler o texto destas cinzas? Elas nos queimam os dedos, os olhos, a alma. Mas seria possível recolher estes vestígios, arrancar esta palavra sem colocarmos os pés nas ruínas? A pergunta que se impõe é, portanto: que imagem é capaz de nos deter, de cavar um espaço de memória e escuta nos comprometendo com a função do testemunho?

É esta a função de um memorial, uma espécie de ruído de fundo perturbador que injeta desordem na ordem e progresso. Memorial como um ato de amor a verdade e a história, palavra que faltou no lema da bandeira brasileira, já que a inspiração positivista de Augusto Comte propunha literalmente: O Amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim. Jards Macalé canta parte desta história na sua canção “Positivismo”. Amor com suas lágrimas de Eros como uma estrela em chamas, dentro do coração das trevas destes tristes trópicos.

² Exposição de Eduardo Frota “Revolter a Terra para semear heterotopias”, de 2 de maio a 3 de julho de 2019, na Galeria Sem Título Arte, em Fortaleza.



Imagem 4
Bocas de cinza, Juan Manoel Echavarría,
vídeo, 2004.

Alguns anos atrás, em uma viagem a Bogotá, conheci Juan Manuel Echavarría, artista colombiano que concebeu um trabalho comovente intitulado justamente Bocas de Cinza. O trabalho consistia em filmar os relatos trágicos de algumas vítimas da guerra colombiana. Ele percorreu grande parte da Colômbia recolhendo a história de alguns sobreviventes que narravam torturas, assassinatos de familiares e amigos através de canções. A câmera parada em close, as palavras entoadas em melodias/tristes nos contavam histórias soterradas. Nomearia estes trabalhos como *Memoriais Minimalistas*. Surgem isolados, tímidos, por vezes pela iniciativa de uma única pessoa, salvando assim o acontecimento de sua destruição e apagamento. Mas o Memorial só se instaura se a testemunha der forma e voz àquilo que presenciou. Surgem, portanto como pequenas nuvens de fumaça que apontam os responsáveis da destruição e o desespero e dor dos que sucumbiram. Cumpram a função de uma contra-imagem face ao cenário de destruição.

Um memorial abre espaço para palavras que tentam recuperar tantos lugares apagados de história. Nuvens de palavras densas pedindo passagem e abrigo, como as nuvens de Berndnaut Smilde. Estes vapores de esperança anunciam uma história por vir. Estas nuvens estão ali para serem recolhidas e multiplicadas por novas testemunhas. Testemunhar implica reconstruir linguagens, redesenhar gramáticas, inventar novos significantes. Surgem, portanto, sempre de forma inesperada e necessariamente como perturbação. Um Memorial não traz a narrativa definitiva mas antes nosso em falta com a imagem. Memorial como revolta diante do silêncio imposto pela violência de Estado. Memorial como causa de desejo, acionando nosso compromisso

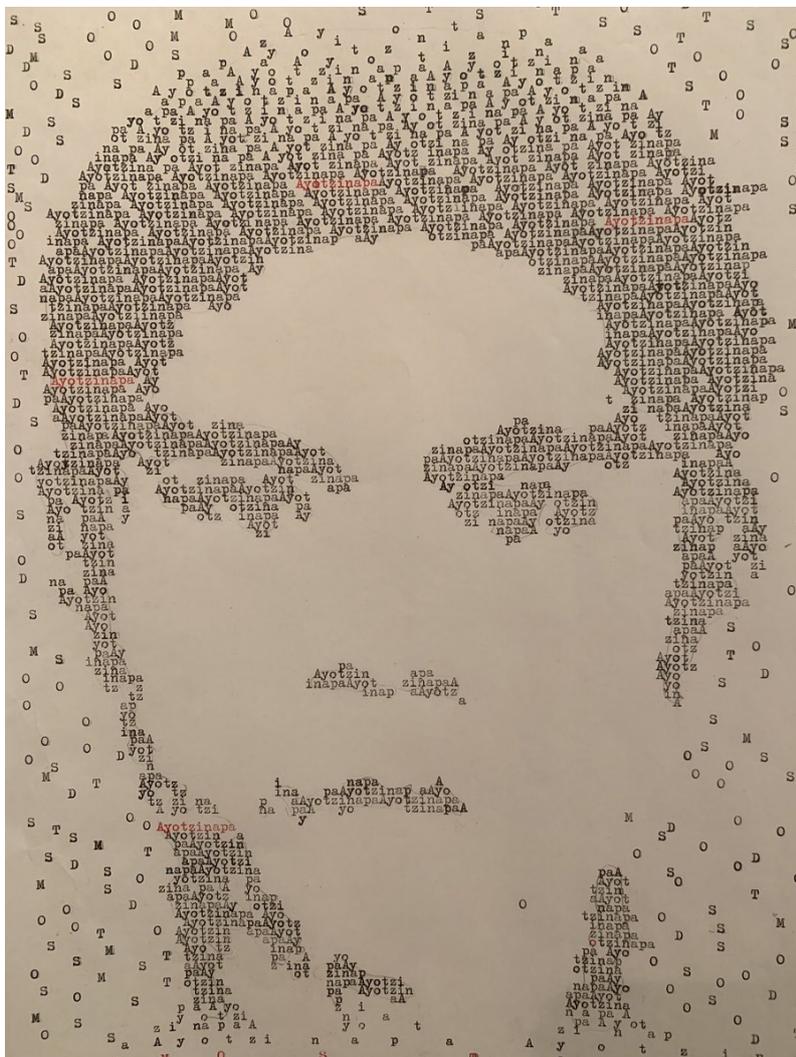


Imagem 5
Javier del Olmo, Exposição
Ecos Mecânicos — a máquina de
escrever e processos artísticos,
Museu de Arte Contemporânea,
USP, São Paulo. Fotografia
Edson Sousa.

diante da dor dos outros como evocou Susan Sontag. Nesta insistência de honrar o acontecimento rasurado quem sabe estas nuvens solitárias não se aproximam uma das outras e teremos então a chance de uma tempestade que venha lavar e remover a lama do esquecimento.

Será uma tempestade de linguagem, palavras para um memorial, com também o fez Javier del Olmo, artista argentino que recupera a imagem e a memória dos 43 estudantes mexicanos assassinados em 2014 pelas forças policiais quando se dirigiam a Cidade do México para a passeata comemorativa do levante de outubro de 1968. Ele reconstituiu a imagem de cada um deles com o nome da cidade que viviam AYOTZINAPA.

A prática psicanalítica desde Freud tem mostrado que podemos abrir novos horizontes se tivermos a chance de redesenhar nossas narrativas de vida. Dori Laub, em um artigo intitulado “Um evento sem testemunha: verdade, testemunho e sobrevivência” (Laub 1992) propõe três níveis de testemunho. 1. Testemunhar o evento traumático como participante direto. 2. Testemunhar a experiência traumática de outros. 3. Testemunhar o próprio processo de construir testemunho. É nesta última direção que quero

Imagem 6
Foto ONG Rio de Paz, 2019.



me deter um pouco em minha reflexão, na medida em que pensar sobre o testemunho implica ampliar nossa gramática de leitura dos rastros.

O Brasil carece de memoriais. O sangue é rapidamente apagado. Contudo, nestas horas é fundamental evocar a força de resistência de alguns que não fecham os olhos e bocas diante do horror. Se temos ainda alguma esperança de um futuro certamente ela se deve aqueles que não abandonam seus mortos e cuidam das narrativas que ficaram interrompidas. Memoriais mínimos como esta cena protagonizada por Camila residente no complexo do alemão e seus quatro filhos. Cada um trazendo o nome de uma criança assassinada neste ano de 2019. Todas negras, mortas em operações da Polícia Militar.

Kauê Ribeiro dos Santos, 12 anos, foi morto com um tiro de fuzil na cabeça em 7 de setembro de 2019, durante operação da Polícia Militar no Complexo do Chapadão no Rio de Janeiro

Kauan Rosário, 11 anos, foi atingido por um tiro em ação da Polícia Militar em Bangu, Rio de Janeiro. em 16 de maio de 2019.

Kauan Peixoto, 12 anos, morreu baleado durante ação da Polícia Militar na comunidade de Chatuba em Mesquita, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, em 18 de março de 2019.

Jenifer Cilene Gomes, 11 anos, baleada com um tiro de fuzil no peito quando voltava da escola em 14 de fevereiro de 2019 em triagem no Rio de Janeiro.

Agatha Felix — 8 anos, assassinada com um tiro de fuzil quando estava dentro de um Kombi com sua mãe em ação da Polícia Militar no Complexo do Alemão em 20 de setembro de 2019.

Sabemos que esta lista de nomes é imensa, remonta a história ainda viva da escravidão neste país, do racismo que herdamos e que está assustadoramente vivo em grande parte da população brasileira. Nosso futuro está em imagens como esta, um memorial mínimo, que é capaz de virar as costas para o monumento símbolo do Rio de Janeiro para mostrar nestes singelos cartazes, que eu nomearia como anti-monumentos, o texto das cinzas que não podemos esquecer. Mas que imagens são capazes de nos fazer parar?

Vejamos outra cena, que vou apresentar na imagem abaixo, a qual também nomeio como um memorial minimalista.



Imagem 7
Foto Guilherme Pinto,
Agência O Globo.

Um furo no meio da bandeira, entre a ordem e o progresso funciona como um olho testemunha no enterro de Luciano Macedo no Cemitério do Caju.

Esta cena começa em um dia de domingo, 7 de abril deste ano. O músico Evaldo dos Santos Rosa, 51 anos saía de carro com sua família para festejar um aniversário de criança em Guadalupe, na zona norte do Rio de Janeiro. Estava com sua esposa, seu filho de 7 anos e seu sogro. Ao passarem por um controle policial de soldados do exército são alvejados com 257 tiros sem nenhuma sinalização ou advertência (ficou conhecido como os 80 tiros), o que foi comprovado por inúmeras testemunhas. Simplesmente, foram “confundidos” com assaltantes que minutos antes haviam realizado um assalto na região e que fugiram em um carro de cor branca. O carro era branco mas o motorista era negro, o que não é indiferente neste relato. Mas vamos ver detalhadamente este

acontecimento, pois este nos indica que um episódio desta natureza segue a lógica da necropolítica, sustentada por discursos de autoridades públicas. O que fez com que os dez jovens soldados atirassem de forma irresponsável no pequeno carro popular branco, comprado a prestações por Evaldo? Atiraram com convicção e certamente alimentados por todos os discursos de seus governantes elogiando e estimulando policiais e militares a abaterem bandidos. Poderíamos estar diante do filme de Francis Ford Coppolla *Apocalypse Now*, versão para o cinema inspirado no *Coração das Trevas* Joseph Conrad, mas não, é um domingo de sol no Rio de Janeiro. Depois do massacre, um catador de papel, Luciano Macedo, tenta socorrer o menino de 7 anos, que sai de dentro do carro vendo o pai ensanguentado. Ele é alvejado também e morre uma semana depois. Pouco se fala dele e sabemos que foi enterrado em um cova comum no cemitério do Caju. Deixou a esposa que estava grávida de seu primeiro filho de 5 meses. Mas na figura de Luciano resgatamos o que ainda resta de humanidade nesta barbárie, o valor da solidariedade, em uma cena da mais atroz selvageria. Este detalhe do gesto deste humilde catador, tentando “recolher” o que ainda restava de vida neste cena me parece crucial nesta narrativa. Eram 12 os soldados e o primeiro tiro foi disparado pelo único oficial em cena, um tenente. Depois dele, seguiram os disparos insanos, de seus subordinados. Vemos aqui novamente o chefe autorizando o massacre. Mas, o que segue é ainda mais terrível. Quando Daiana Horrara, mulher de Evandro pede desesperadamente ajuda aos militares, estes debocham dela atestando assim um desprezo pela vida. Ali neste gesto, a ampliação em larga escala do que escreve Achille Mbembe da soberania assassina e sua necropolítica, decidem quem deve viver e quem deve morrer.

Pouco tempo depois, diante da repercussão do fato, o Comando Militar do Exército emite nota pública dizendo que o exército havia reagido a uma “injusta agressão”. Tentaram, em primeiro momento, justificar o crime como uma reação “legítima” a um carro de bandidos. Então, se fossem os criminosos em questão, este crime se justificaria? Pena de morte sem processo, sem julgamento? A reação seguinte das autoridades foi, então, de lamentar o acontecimento, sem a ênfase que a cena mereceria. Bolsonaro, sempre o primeiro a se manifestar em episódios como estes, quando criminosos são mortos, silenciou. Seis dias depois, fez uma polêmica declaração: “O Exército não matou ninguém, não, o Exército é do povo. A gente não pode acusar o povo de ser assassino não. Houve um incidente, houve uma morte. Lamentamos a morte do cidadão trabalhador, honesto, está sendo apurada a responsabilidade” (Jornal O Estadão 2019). Sim, responsabilidade apurada por Tribunal Militar desde que o presidente Michel Temer sancionou uma lei, em 2017, transferindo a esfera judicial deste tipo de crime, da justiça comum para a justiça militar, ou seja, eles serão investigados e julgados por membros da própria corporação.

Precisamos urgentemente multiplicar memoriais neste país para que a geração que virá depois de nós possa ler as cinzas de nosso tempo. É preciso lembrar aqui depoimento de Claudio Guerra, ex-delegado do DOPS a Comissão Nacional da Verdade

sobre a Usina de Cana de Açúcar de Cambahyba em Campo de Goitacazes no Rio de Janeiro onde foram incinerados dezenas de corpos de presos políticos. Claudio Guerra conta detalhes de todas estas operações no livro publicado em 2012 “Memórias de uma guerra suja”. A maioria dos corpos vieram das sessões de tortura da casa da morte em Petrópolis, e que foi tombada pelo conselho municipal no final de 2018.. Entre os mortos que foram incinerados por Claudio Guerra estão Ana Rosa Kucinsky e seu companheiro Wilson Silva. Ana Rosa era professora da USP e irmã do jornalista Bernardo Kucinsky que muito escreveu sobre este desaparecimento nos livros K e “Você vai voltar para mim”. Também foram incinerados ali dirigentes históricos do PCB como João Massena Mello, Luiz Ignácio Maranhão, David Capistrano e Fernando Santa Cruz Oliveira, pai do atual presidente da OAB.

Em março de 2019, parte da Usina foi destruída e o Ministério Público do Rio de Janeiro abriu investigação para identificar os responsáveis. Estes atos de barbárie são uma espécie de segunda morte, um assassinato da memória e tudo isto acontecendo sob os nossos olhos. A trama é macabra. Os detalhes da descrição desta operação pode ser visitada na internet na documentação da Comissão Nacional da Verdade ou no livro de Claudio Guerra. Uma usina de cana de açúcar: herança colonial, de um Brasil escravocrata atualizando as lógicas de poder dos senhores de engenho. A usina de Cambahyba, hoje abandonada, pertencia a família de extrema-direita de Heli Ribeiro Gomes, vice-governador do estado do Rio no período de 1967 a 1971. Foi amplamente comprovada os benefícios que a família recebia pelos serviços prestados. Os corpos chegavam em sacos, muitos já mutilados. Escreve Claudio Guerra: “O forno nunca era desligado e as operações passaram a ocorrer no fim do expediente. Os resíduos virados em pó no forno da usina eram jogados numa piscina, que , na verdade, era um poço de vinhoto, resíduo da cana-de-açúcar, hoje usado para fazer adubo.” (Guerra 2012, 52)

Lógica de apagar os rastros, mas iremos sempre buscar as cinzas onde estiverem. A destruição que vivemos e viveremos nos próximos anos será extrema. Vamos precisar multiplicar memoriais, inventar novas estratégias de memória, multiplicar museus como o Museu das Imagens (in)possíveis da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Criaremos espaços de vida nas frestas, nos buracos destas bandeiras, nas esquinas dos cemitérios, nas chaminés em ruínas. Precisamos inventar novos memoriais como fez o artista Fernando Piola no trabalho Operação Tutoia. Ele se apresentou na delegacia como um agente da secretaria de cultura do estado de São Paulo como voluntário para cuidar do jardim da delegacia de policia da Rua Tutoia, onde funcionou o Doi-Codi (Destacamento de operações de informação — Centro de Operações de Defesa Interna). Trabalhou durante dois anos plantando só folhagens vermelhas. Seu jardim de sangue só foi destruído dois anos depois.

Nossos memoriais minimalistas se multiplicarão. Reuniremos estas nuvens de memória onde estiverem e traremos chuva que façam florescer novas folhagens vermelhas neste deserto que atravessamos. Vamos precisar revisitar todas estas imagens

no detalhe, e encontrar as palavras que ainda faltam como o fez Harun Faroucki em seu trabalho “A prata e a cruz”. Ali ele relê a história da violência colonial a partir da pintura “Descrição de Cerro Rico e da Cidade Imperial de Potosi” do Gaspar Miguel Berrio em 1758. O principio do amor à verdade como furo entre a ordem e o progresso.

Bibliografia

Frota, Eduardo. 2019. *Correspondência pessoal*.

Guerra, Claudio. 2012. *Memórias de uma guerra suja*. São Paulo: Topbooks.

Jornal O Estadão. 2019. <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,o-exercito-nao-matou-ninguem-afirma-bolsonarosobre-morte-de-musico-no-rio,70002789168>, acesso em 21 de dezembro 2019.

Laub, Dori. 1992. “An event without a witness: truth, testimony and survival”. In *Felman, Shoshana*.

Testimony, crises of witnessing in literature, psychoanalysis and history. New York: Routledge.

Rilke, Rainer Maria. 2009. *Testamento*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

Nota biográfica

Psicanalista. Professor Titular aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-Doutorado pela EHESS (Paris) e Université de Paris VII. Analista membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Professor visitante na Deakin University (Melbourne), Instituto de Estudos Críticos (México), De Paul University (Chicago). Autor entre outros do livro “Uma invenção da Utopia” (Lumme Editora, São Paulo), Freud: Ciência, Arte e Política em co-autoria com Paulo Endo (LPM, Porto Alegre).

Lattes iD

<http://lattes.cnpq.br/1950953469711761>

Morada institucional

Hilário Ribeiro 21/802. Porto Alegre RS Brasil.
CEP 90510-040.

Artigo por convite Article by invitation